

LEI DO TRABALHO

Turma de 9 a 10 anos

TEMA: TRABALHO

Objetivos Específicos: Levar a criança a entender a importância do trabalho em nossas vidas.

Recursos Didáticos: Gravuras de pessoas trabalhando, instrumentos de trabalho

Introdução: Perguntar às crianças qual o trabalho que elas fazem?

Desenvolvimento: Conversação

Lembrar as crianças o trabalho que a Natureza realiza na renovação incessante. Falar do formigueiro, da colméia, da humildade do boi, do cavalo, dos cães treinados para dirigir cegos, os ninhos dos pássaros, o João de Barro .

Fixação: Fazer uma lista dos trabalhos que eles podem realizar.

Contar a história- O Sonho de Carolina(4 a 6 anos).

Os três grãos de milho(7 a 10 anos).

TEMA: VALORIZAÇÃO DAS PROFISSÕES

Objetivo Específico: Levar a criança a entender que todas profissões são dignas e importantes.

Recurso Didático: colocar na lousa bonecos de papel, cada um simbolizando uma profissão, de maneira a retratar as suas interdependências.

Ex: o médico depende do lavrador, o lavrador do dentista, este do lixeiro e assim por diante.

Introdução: Perguntas:

Qual a profissão do seu pai?

O que você pretende ser?

Desenvolvimento: Conversação

Falar da desigualdade entre as profissões. Quem cria é o próprio homem, por causa do orgulho e do egoísmo.

Fixação: painel na lousa

Colocar mais um grupo de bonecos, mostrando aqueles que não querem trabalhar, eles próprios se marginalizando. O futuro depende de nós e do nosso próprio esforço em vencer as dificuldades, Deus ajuda a todos.

Lembrar aqueles que não podem trabalhar porque estão doentes. Levar as crianças a pensar como nós estaríamos se não trabalhassemos. Como nos sentiríamos se não pudessemos trabalhar?

HISTÓRIA

O Sonho de Carolina

Carolina ajudava muito a sua vovó. Arrumava a cama, varria o quintal, dava milho e água às galinhas e fazia outros serviços simples e pequenos.

Um dia, porém, ela começou a pensar que aquilo que ela fazia, não tinha valor e que, se deixasse de fazer, não faria falta. E disse muito convencida:

_ De hoje em diante eu não vou trabalhar. O que eu faço é tão sem importância...

Vovó ficou séria. Olhou bem para ela, mas não disse coisa alguma.

Então, Carolina não fez mais nada. Logo, a cama não foi arrumada, o quintal não foi varrido e as galinhas ficaram sem milho e sem água.

Coisa estranha! Carolina estava todo o dia aborrecida e, quando à noite, foi dormir, tinha até vontade de chorar. Mas, mesmo assim, dormiu e sonhou.

Que sonho esquisito!... Sonhou que seus olhos conversavam com a boca. E, conversando, diziam:

_ Já estamos cansados de ver. E um serviço tão sem importância! Se deixarmos de ver, não vamos fazer nenhuma falta.

E os olhos de Carolina se fecharam e ela ficou cega.

Poucos minutos depois ela ouviu nova conversa. Dessa vez, era a boca que falava com as mãos:

_ Estou cansada de falar. Meus amigos dentes também estão cansados de mastigar... Os olhos já não trabalham mais... Ora, se não fizermos nossos serviços, não tem importância alguma.

E a boca se fechou.

Pobre Carolina! Agora ela estava cega, muda e, além de tudo, não podia comer, nem beber!

Passados alguns minutos, as mãos gritaram para os pés:

_ Oi!... Tudo bem?... Sabem?... Os olhos e a boca não estão funcionando. Nós também vamos parar... O que fazemos é tão sem importância...

E as mãos pararam.

Nem bem passaram cinco minutos e os pés gritaram para os ouvidos:

_ Olá, camaradas! Nós também vamos tomar uma atitude. Andar é um serviço tão insignificante que não vale a pena fazê-lo. De hoje em diante não andaremos mais.

E os pés pararam.

Chegou a vez dos ouvidos. E eles disseram:

_ Não vamos mais recolher os ruídos que passam por nós. Não é serviço que falta.

E Carolina ficou então, cega, surda e parálitica. Não podia ver, ouvir, falar, correr, brincar, nem comer, nem beber.

Que aflição! Mas, felizmente, ela acordou!...

_ Uff!... Que sonho horrível!

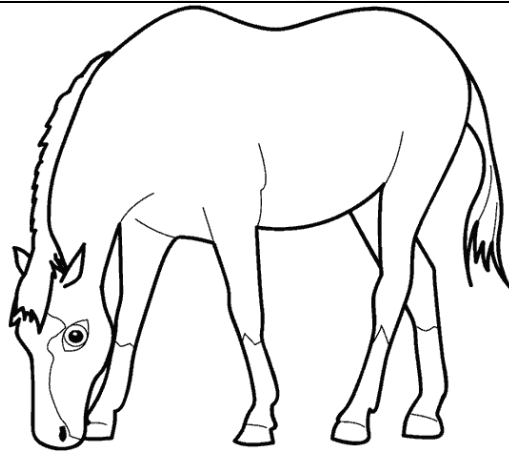
E sorriu, feliz, ao ouvir o som de sua voz e ao ver, pela janela, o azul lindo do céu.

Depois, saltou da cama e, muito contente disse:

_ É pouquinho, mas faz falta...

E Carolina continuou a ajudar sua vovó.

(Bibliografia: Conte Mais – O sonho de Carolina – FERGS)



Sobre o João de Barro



Não há dificuldade de se reconhecer um ninho de João de Barro (*Furnarius rufus*). Na vizinhança imediata, nas árvores que as rodeiam ou nos paus dos currais, encontra-se uma casinha deste deste amigo do homem. Até nos postes elétricos e telefônicos, como se quisesse colocar-se em contato com a sociedade, vê-se uma bola de barro, que mais parece um diminuto forno antigo de padeiros.

Não alcança o tamanho de um sabiá. É na cabeça e dorso, se não tirante ao roxo, de cor ferrugem acanelada e na parte inferior mais claro, tendo o peito quase branco. Na Argentina ele é conhecido como "HORNERO (fornheiro devido ao formato do ninho, semelhante a um forno barro)". Na Bahia e Pernambuco é conhecido por "AMASSA-BARRO".



Tem esta ave um porte corajoso, nada tímido, chega-se com estranha confiança bem perto do homem, corre, pula e grita, como que dando risos e gargalhadas, como se soubesse que é bem vista e bem vinda.



O que todos mais admiram nele é vê-lo, ouvi-lo cantar com sua forte voz que pode-se comparar ao entoou do galo, batendo também como este as asas, imitando-lhe a toada que vai de alto a baixo, acompanhado quase sempre pela fêmea. Tem a mania de interromper as pessoas, que ao pé dele conversam e de cobrir com a sua estridente voz a humana, de sorte que não resta mais do que resignar-se ao silêncio até que emudeça.

A ousadia e atrevimento desta ave, que é estranha a todos que pela primeira vez a observam, têm uma razão no respeito que lhe devotam. Pois os olhos não só dos brasileiros mas também dos povos do Rio da Prata, passa por ave santa e cristã. O João-de-barro não trabalha no domingo. E, se por acaso, for surpreendido neste dia santo na construção da sua casa o vulgo alucinado encontra uma razão que explique esta exceção, por exemplo, para que depois de uma seca deve aproveitar o aguaceiro com que prepara o barro necessário. Caso contrário, ficaria sem albergue para si e seus filhos. Como as Igrejas têm a porta para o oriente, assim também ele dá a abertura e rumo do seu ninho a mesma orientação. Há, entretanto, naturalistas que dizem que não é regra.



Reconhecem, todavia, que nosso pássaro produz uma obra arquitetônica que é capaz de excitar admiração. Primeiro lançam ambos, macho e fêmea, os alicerces ou formam de barro da estrada, o soalho da casa, trazendo-o em glóbulos do tamanho de uma bala de espingarda, que com o bico e os pés estendem. Sobre este plano de 22 cms de comprimento, começando ao mesmo tempo por dois lados opostos, levantam as paredes da casa, que, quando em certa altura, deixam secar. Recomeçam a obra, dando as paredes já uma inclinação para dentro e, depois de mais uma interrupção, dão-lhe a última mão, fechando a começada abóbada e deixando a mencionada abertura oval. Dividem a casa por uma parede interior em dois compartimentos, servindo o anterior como a antecâmara, de onde se pode alcançar por outra abertura para a câmara reservada para a própria cama dos filhotes. Assim estão seguros contra a importunação de certas aves rapinas.



A cama era revestida de feno, de penas de galinha ou flores de algodão. O casal, como em tudo, são inseparáveis, também revezando o difícil trabalho de incubação dos ovos e da alimentação dos filhotes.



Podiam-se se chamar símbolo da vida doméstica e é por isso que os brasileiros gostam de vê-lo e ouvi-lo pela vizinhança.

Quando o João de barro e a Maria-de-barro assumem compromisso, é para todo o sempre. Eles vivem sempre em casais que nunca se separam. Quando morre o companheiro passam o resto da vida só.



Muitas vezes encontram-se seus ninhos sobre as estacas dos currais e cercas dos caminhos ao alcance da mão, porém ninguém tiram-lhe os ovos. Um pássaro tão social e tão habilidoso não devia carecer de alguma virtude extraordinária: "em casa com ninho de João de barro não cai raio". Tão pouco se admira que tenha uma lenda que é mais uma prova de como as idéias dos antigos guaranis foram herdadas, posto que modificadas, por seus modernos descendentes.



Reza mais ou menos assim:

Um velho caçador vivia com seu filho único e com seus cães no mais apartado dos bosques. Dedicava a existência a ensinar seu filho todos os conhecimentos e práticas que constituem um bom caçador. Chegado a idade viril, o filho nada ignorava, quanto é necessário para sustentar uma família. Tinha feito expedições mais extensas a regiões habitadas. Em uma destas ocasiões ouviu a encantadora voz de uma donzela, que esperava um dia esposar. Pediu a seu pai para que visitasse com ele aquele acampamento, para ver se aprovava sua escolha. O velho pai não colocou impedimento ao desejo do seu filho, mas convidou-o para uma festa que de vez em quando celebrava o morubixaba de sua tribo nas margens do Uruguai.



Durante um mês, preparava-se o velho e o moço para a grande festa das "apresentações", a qual tinha por fim apresentar os jovens fortes de mais valor e arrojo ao morubixaba, ao seu Conselho Patriarcal e a toda tribo. Seguíam-se grandes bailes e a escolha da mulher, ou aprovada ou disposta pelos maiores, sempre que o jovem tivesse passado as provas. Estas consistiam normalmente na veloz carreira, na prova da natação e num jejum rigoroso de nove dias, em que não podiam tomar senão o sumo da yatay ou de outra planta silvestre.



O jovem do nosso mito não foi tão lerdo de assistir ao grande torneio sem dar aviso à sua noiva, Ipona, que figurava também entre as outras donzelas que abrilhantavam a festa.

Depois de acomodarem as famílias da tribo numa altura escolhida, onde se senhoreava uma grande planície que se estendia de um lado e de outro do Uruguai, o morubixaba deu por prêmio da primeira prova, a carreira, a mais forte de suas couraças de guerra, feita de duros couros de anta, orlada de pelos de tucano e de vistosa plumagem de papagaio.

Dos cinqüenta jovens guerreiros que se sujeitaram à primeira prova foi Jaebé, era este o nome do filho do velho caçador, que em segunda corrida com um rival ganhou o prêmio. Vestido da esplendida couraça, foi festejado por todos.



Também na prova da natação, que consistia em chegar primeiro à outra margem do rio, saiu vitorioso, recebendo como prêmio um manto de peles de cisne, ornado ricamente de topetes de cardeal e de peitos amarelos de tucano.



A terceira, foi a mais difícil das provas, jejum de nove dias, sujeitaram-se oitos moços. Para não enganarem a vigilância dos juizes, foram envolvidos em peles. Já no terceiro dia, queixou-se Jaebé a seu pai, o velho caçador, e mais ainda no sexto dia, mas o pai animava-o, que pouco faltava e convenceu o jovem a encolher-se e ficar imóvel no seu couro. Os outros sete declaram-se vencidos neste dia.



Chegaram então o morubixaba e o velho caçador e abriram o couro em que estava Jaebé.....e qual não seria a surpresa que se apoderou de todos, quando viram que, ao contato do ar e da luz, se diminuía, convertendo-se em pássaro e vestindo-se de plumas encarnadas! E pouco a pouco transforma-se em um "hogaraitay" ou o João de barro batendo asas, voava à próxima árvore, cantando: "Sou filho dos bosques e canto o hino ao trabalho".



Diz a tradição que a noiva de Jaebé, Ipona, ao vê-lo, transforma-se, se converte em uma ave semelhante voando aos ramos daquela árvore para fazer-lhe companhia. Por isso é que João de barro fabrica sua casa, como o homem, de barro e vive acompanhando o pobre lavrador nas casas de campo, recordando-lhe nas harmoniosas cadências que exala em dueto com sua companheira, que o trabalho na vida simples dos campos tem um fundo de bem estar e de felicidade. E todos os homens amam o João de Barro, porque ele nos lembra que a força do amor é maior do que a morte!



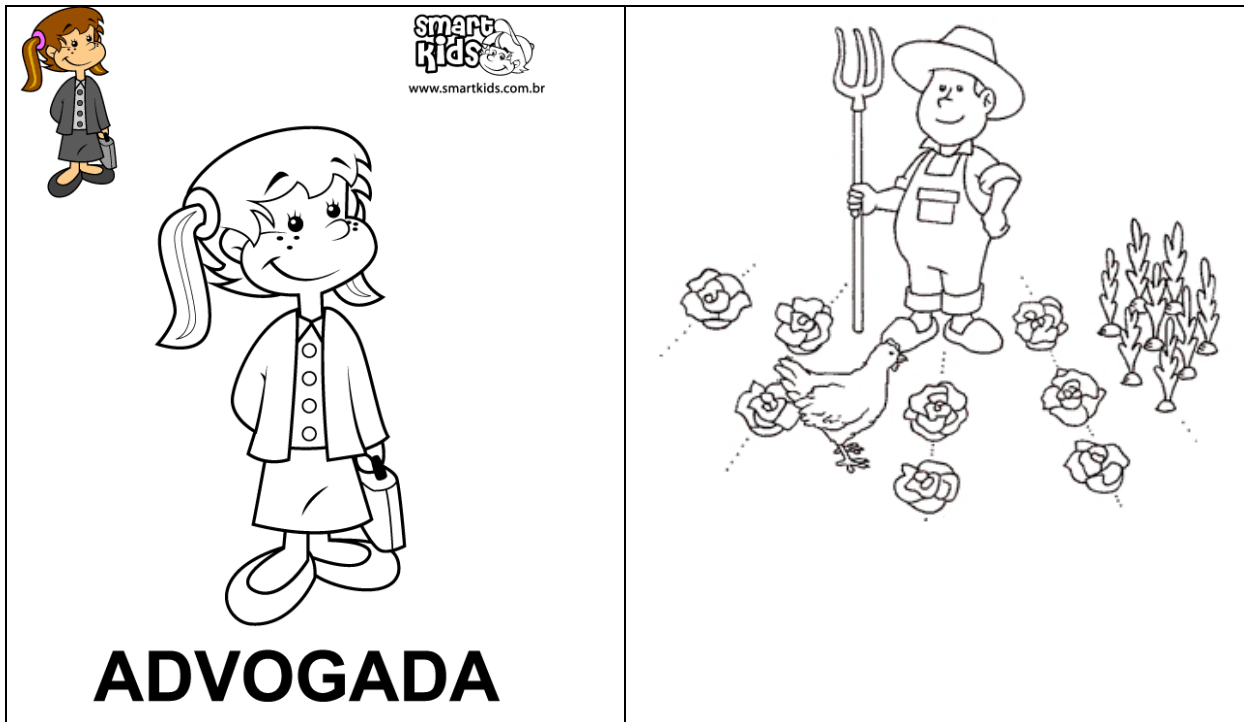
*Somente depois da última árvore derrubada,
depois do último animal extinto*

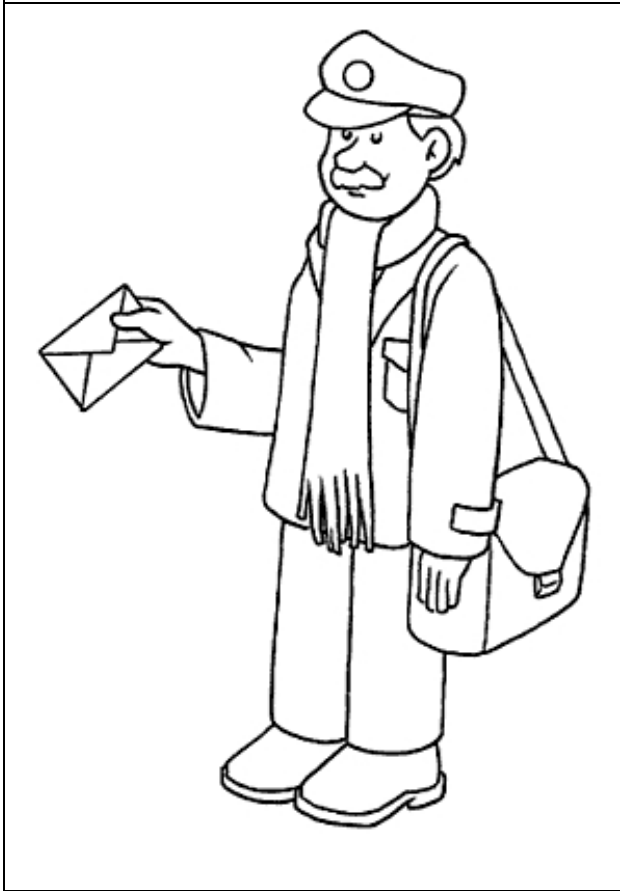
*e quando perceberem o último rio poluído, sem peixe,
O Homem irá ver que dinheiro não se come!*



(Provérbio Indígena)

**Lendas do Rio Grande do Sul - Publicação n.7 - Comissão Estadual de
Folclore do Rio Grande do Sul
Moça Lua e Outras Lendas - Walmir Ayala
Lendas Brasileiras - Ciro D. Ferreira; J.C. Paixão Côrtes; Ivo Sanguinetti;
Luiz Carlos B. Lessa**







smart
kids
www.smartkids.com.br



PROFESSOR



smart
kids
www.smartkids.com.br



MÉDICO



smart
kids
www.smartkids.com.br



ENGENHEIRO

